

NOTA DE ABERTURA

Restless Earth foi o título dado por Nigel Calder a um livro seu que a BBC publicou em Londres em 1972. O êxito foi tal que ainda nesse ano foi reimpresso três vezes. Tenho um exemplar da edição de 1973, onde posso ler como subtítulo a report on the new geology. Como consta na “Author’s note”, embora tenha sido concebido em separado, o livro resulta das viagens realizadas por todo o mundo durante a preparação de um grande programa de televisão, na época também visto em Portugal.

Logo no primeiro capítulo salientam-se as referências à atividade do Etna (Sicília, Itália), mas também à do Vesúvio (Nápoles, Itália), bem como as referências a terremotos mortíferos na área do Mediterrâneo, entre os quais um que tinha ocorrido em 1968 na Turquia. Um cartograma representava o encontro das placas euro-asiática e africana desde o Estreito de Gibraltar até à Ásia Menor, mostrando a base científica para a compreensão do funcionamento daqueles vulcões e da ocorrência dos terremotos referidos. Outro cartograma, referente ao Mediterrâneo oriental e ao Médio Oriente, localizava a área dos mais antigos terremotos conhecidos e mostrava como nem todos os mais recentes, os verificados já no século XX, tinham ocorrido aí - por isso, o Autor colocou no cimo da figura uma frase importante - “A warning from history. The pattern of recent earthquakes is not a sure guide to regions exposed to risk”.

Nos seis capítulos de Restless Earth não faltam exemplos da costa ocidental dos Estados Unidos da América, do Hawaii, dos Andes, da Etiópia e, obviamente, do Japão. O Monte Fuji merece uma fotografia, com a indicação de que se relaciona com um fenómeno de subducção da Placa Pacífica, fenómeno que também se liga a sismos profundos.

40 anos depois de Nigel Calder ter escrito o livro, pode dizer-se que a Terra continua inquieta. Em 11 de março de 2011, o Japão teve aquele que se crê ter sido o seu 7.º maior terremoto de sempre - com epicentro no Oceano Pacífico, a uns 130 km da costa japonesa, teve origem a uma profundidade de 24 km. O tsunami, que provocou, invadiu pouco depois as áreas costeiras mais baixas, em especial da região de Tohoku, criando uma destruição imensa e matando centenas de pessoas. Nas primeiras horas já se contabilizavam mais de 600 vítimas entre mortos e desaparecidos; mas os números não pararam de aumentar nos dias seguintes, vindo a considerar-se um número oficial de 15839 mortos (cfr. Wikipedia). Atingida violentamente pelas águas do mar, a central de Fukushima teve o maior acidente nuclear do mundo desde o de Tchernobyl, na Ucrânia (26 de abril de 1986), obrigando à evacuação total da população num raio de 20 km.

No 18.º ano de publicação, a Territorium dá a conhecer um número elevado de artigos relacionados com riscos naturais e tecnológicos, embora não deixe de preocupar-se com questões teóricas, que cada vez mais terão de estar presentes nas bases científicas dos que se dedicam a este tipo de estudos. Saliente-se que, neste ano em que, entre outras de diferentes dimensões, ocorreu a catástrofe de Tohoku, um dos artigos reporta-se ao fenómeno sísmico.

De novo, são vários os colegas brasileiros que colaboram na Territorium. Alguns tratam de riscos ambientais, de riscos geomorfológicos ou de riscos de inundações. Quando escreveram os seus trabalhos não imaginavam quanto a região do Rio de Janeiro iria sofrer com a manifestação de todos esses riscos no princípio do ano (a partir de 11 de Janeiro de 2011), com as chuvas intensas que levaram destruição e morte, por exemplo, a Nova Friburgo, Teresópolis e Petrópolis. Não se tratou de uma catástrofe. Foram diversas catástrofes, com centenas de mortos, numa sequência impressionante de movimentações de vertentes e torrentes lamacentas que tudo arrastavam, como pudemos ver em reportagens televisivas, mostrando quão grande era a vulnerabilidade daquelas áreas urbanas ou peri-urbanas perante fenómenos naturais que não podem deixar de ser considerados típicos das épocas quentes e chuvosas em regiões tropicais.